

## LEITURAS DA POESIA DE DANTE MILANO EM JORNAIS

Vanessa Moro Kukul (USP/CAPES)<sup>1</sup>

**RESUMO:** *Poesias*, obra editada pela primeira vez em 1948, posiciona Dante Milano (1899-1991) no conjunto dos grandes poetas brasileiros. A despeito de seu valor estético, *Poesias* obteve pouca atenção da crítica especializada desde a sua publicação. O poeta, por seu turno, é quase desconhecido do grande público. Foi nos periódicos que se veiculou a primeira recepção crítica de *Poesias*, também pouco conhecida e pouco estudada. Trata-se de um conjunto de textos curtos, publicado *grosso modo* entre as décadas de 1940 e 1950, em jornais e em revistas e, não raramente, em forma de resenha; intervenções nas quais são claras as marcas de uma crítica “não-especializada”. Neste estudo, interessa-me examinar os textos “O hermetismo e a poesia moderna”, de Sérgio Milliet, e “Mar enxuto”, de Sérgio Buarque de Holanda, pertencentes à primeira recepção crítica de *Poesias*, refletindo de que modo tais apreciações permitem/tem permitido pensar/repensar o lugar de Dante Milano no sistema literário brasileiro.

**PALAVRAS-CHAVE:** Dante Milano. Periódicos. Recepção Crítica.

*Poesias*, obra editada pela primeira vez em 1948<sup>2</sup>, posiciona Dante Milano (1899-1991) no conjunto dos grandes poetas brasileiros. Tratava-se da aparição de um “velho novo”, como destacou Hugo de Figueiredo, pseudônimo de Carlos Drummond de Andrade, em “Retrolâmpago do modernismo”, texto publicado em 1952 no *Correio da Manhã*. (FIGUEIREDO, 1952, p. 3)

Autodidata, Milano começou a trabalhar em jornais do Rio de Janeiro, na primeira metade dos anos 1910 e, nesses espaços, tomou contato com a literatura. Em

---

<sup>1</sup> Pós-doutoranda em Letras no Programa de Pós-graduação em Teoria Literária e Literatura Comparada da Universidade de São Paulo (USP), sob a supervisão da Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Iumna Maria Simon. Bolsista do Programa Nacional de Pós-doutorado (PNPD/CAPES).

<sup>2</sup> À primeira edição seguiram-se (até o momento) cinco outras. Com acréscimo de poemas, coube à Editora Agir a segunda edição de *Poesias*, publicada em 1958. Em 1971, a Editora Sabiá em convênio com o Instituto Nacional do Livro – MEC editou a obra pela terceira vez: uma edição revista e acrescida da tradução de *Três Cantos do Inferno*, de Dante Alighieri. Editada pela Civilização Brasileira e pelo Núcleo Editorial da UERJ, a quarta edição é de 1979 e, em relação ao corpus de 1958, de acordo com o organizador, Virgílio Costa, foram acrescentados poemas inéditos, alguns textos em prosa, traduções e uma seleção de textos que integram a fortuna crítica de *Poesias*. Essa reunião de textos diversos foi intitulada *Poesia e prosa* abandonando o título original. A edição resulta do trabalho do organizador e do poeta. A edição seguinte, de 1994, é da Editora Forno e retorna ao título *Poesias*. A sexta e última edição é da Academia Brasileira de Letras, de 2004, organizada por Sérgio Martagão Gesteira e recebeu novo título, *Obra reunida*.

entrevista, destacou o papel dos periódicos e das páginas dedicadas à poesia na sua formação como poeta.

O autor de **Poesias** ficou conhecido nos meios literários, no início da década de 1920, em decorrência da divulgação, à sua revelia, do soneto “Lágrima Negra”. Integrou, à época, os grupos modernistas cariocas que reuniram figuras importantes como Manuel Bandeira, Ribeiro Couto, Candido Portinari, Di Cavalcanti, Jaime Ovalle, entre outros. Seu nome, assim como o de seu irmão Atílio Milano<sup>3</sup>, figurava nos periódicos do Rio de Janeiro associado ao jornalismo, à poesia e às sociabilidades intelectuais.

Em seguida, no ano de 1935, Dante Milano organizou, no Rio de Janeiro, a “primeira antologia [brasileira] de poetas modernos”. (BRITO, 1968, p. 217) Teimando em se manter inédito e conhecido por seu retraimento, conforme expressões usadas pela crítica, o poeta carioca não se incluiu entre os poetas selecionados na sua **Antologia de poetas modernos**<sup>4</sup>, confirmando sua aversão à popularidade.

Nas décadas de 1940 e de 1950, Dante Milano publicou, em periódicos diversos, como “Autores e livros” e “Letras e Artes”, ambos veiculados no jornal *A Manhã*, e no “Boletim de Ariel, mensário crítico-bibliográfico Letras, Artes, Ciências”, poemas, traduções e textos de natureza crítica marcados ora pela simplicidade e pela fluidez dos argumentos, ora por exposições e discussões mais meditadas sobre literatura.

O percurso descrito justifica *en passant* por que Drummond referiu-se a Dante Milano como um “velho novo”. Não por acaso, a leitura dos jornais cariocas do período demonstra que a obra milaniana foi esperada e comemorada ao menos por alguns de seus pares como destaquei na tese de doutorado **Crise e irresolução: a poesia de Dante Milano**<sup>5</sup>. Apesar da acolhida de **Poesias** quando da sua publicação, e do seu inegável

---

<sup>3</sup> Atílio Milano (1897-1955), poeta, jornalista, irmão mais velho de Dante, colaborou com vários periódicos cariocas. Publicou **Poesia** (1924), **O pensamento e o sentimento do povo brasileiro; os árcades** (1927, Lisboa), **O livro da verdadeira dúvida** (1933), **Poemas escolhidos** (1937), **Vida de Nosso Senhor** (1938, antologia religiosa), **Panegírico da morte** (1939), **Todos os poemas** (1942), **25 poemas** (1949), **Literatura dissipada** (1954), **Poesias** (1955). Escreveu outros estudos, dentre os quais destaque o prefácio de Atílio Milano às **Obras Completas de Álvares de Azevedo** (vol. 1), publicado em 1943, pela Editora Zelio Valverde, Coleção “Grandes Poetas do Brasil” (AZEVEDO, 2002, p. 553). Além disso, Atílio Milano ligou-se inicialmente ao grupo de *Fon-Fon* (CASTELLO, 1999, p. 22).

<sup>4</sup> Ao comentar a publicação, Maria Paula, em matéria para *O jornal*, em 1936, ressaltou a importância da antologia para a “difusão da nova poesia”, alterando “a rotina dos ambientes escolares”, e declarou: “Uma lacuna imperdoável ha, porém, nessa ‘Anthologia’: o excesso de modestia impediu que o autor publicasse os seus poemas, inibindo, assim, o leitor de um contacto espiritual com esse poeta finíssimo, que é Dante Milano.” (PAULA, 1936, p. 2)

<sup>5</sup> Tese de doutorado defendida em agosto de 2014, no Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, com bolsa concedida pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

valor, a obra milanesa “goza” de um lugar *sui generis*: declarada repetidamente como importante por Mário da Silva Brito, Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade, Otto Maria Carpeaux e outros, obteve pouca atenção da crítica especializada desde a sua publicação. O poeta, por sua vez, é quase desconhecido do grande público.

Neste estudo, interessa-me examinar os textos “O hermetismo e a poesia moderna”, de Sérgio Milliet, e “Mar enxuto”, de Sérgio Buarque de Holanda, pertencentes à primeira recepção crítica de **Poesias**, refletindo de que modo tais apreciações permitem/tem permitido pensar/repensar o lugar de Dante Milano no sistema literário brasileiro.

Veiculada nos periódicos, além de Milliet e Holanda, tal recepção reúne nomes como Paulo Mendes Campos, Augusto Frederico Schmidt, Tasso da Silveira, Mário da Silva Brito, entre outros; recepção também pouco conhecida e pouco estudada, à exceção do artigo de Holanda. Publicado *grosso modo* entre as décadas de 1940 e 1950 e, não raramente, em forma de resenha, o conjunto é constituído por textos curtos. Num período de “redefinição do *campo literário*, em decorrência da especialização do trabalho do crítico como disciplina acadêmica” (CAMILO, 2009, p. 112, grifos no original), nessas intervenções são claras as marcas de uma crítica “não-especializada”. (SUSSEKIND, 2002) A compreensão desses textos viabiliza, por um lado, o estabelecimento de problemas tomados como ponto de partida e, por outro, a avaliação do lugar de Dante Milano no sistema literário.

Nesse sentido, passo ao estudo do artigo “O hermetismo e a poesia moderna”, de Sérgio Milliet (1898-1966), que veio a público no Suplemento Letras e Artes, do jornal *A Manhã* em 05 de dezembro de 1948; pouco tempo depois, integrou o volume VI do **Diário Crítico**<sup>6</sup>, publicado em 1949.

O início da produção poética de Sérgio Milliet antecedeu sua prática como crítico de literatura que, conforme Antonio Candido (1981, p. XV), “[...] foi-se especificando devagar, para amadurecer nos anos de 1940, ao longo de uma experiência ampla.” Desde então, a atividade crítica predominou. Para Manuel Bandeira, a propósito, o paulista era “por excelência um crítico” (BANDEIRA, 2009, p. 180), algo que em seu ensaio Antonio Candido também assinalou.

---

<sup>6</sup> Os dez volumes que compõem o **Diário Crítico** (1940-1956), de Sérgio Milliet, foram publicados entre 1944 e 1959. Segundo Antonio Candido, o **Diário** constitui o “corpo central de sua obra crítica”. (CANDIDO, 1981, p. XVI)

Conhecido como crítico avesso ao dogmatismo, às posições definitivas e sectárias, com um profundo apreço pelo ceticismo e pela crítica em movimento, crítica “que se ensaia”, na expressão do autor de **Formação da Literatura Brasileira**, Sérgio Milliet compreendia a atividade crítica como a articulação harmoniosa entre o racional e o sensível. Como sintetizou Lisbeth Rebollo Gonçalves (2005, p. 77):

[...] na atividade crítica não cogita de validade absoluta para o que diz, reconhecendo que, além da inteligência, importa no ato crítico (e esta importância é fundamental) o sentimento, a sensibilidade, a simpatia, a fé – uma ética. A crítica resulta, portanto, em ação, em certo sentido, “política”. Para ele, esta ação é permeada por valores como a integração da arte na vida, a recuperação do humanismo; a construção de uma nova sociedade calcada em valores liberais e democráticos.

O ceticismo de Sérgio Milliet seria, de acordo com Francisco Alambert (2005, p. 148), “peculiar, porque engajado”, afinal o crítico estaria “pronto a negar tudo o que lhe parecesse mistificação e engano, tudo o que pudesse retirar a arte e o homem daquele caminho de destruição/reconstrução do passado e do presente que ele acreditava ser função da melhor arte.” (ALAMBERT, 2005, p. 148) Anos depois da Semana de Arte Moderna e dos impasses do primeiro tempo do modernismo brasileiro<sup>7</sup>, do qual fez parte, Milliet continuou a perseguir princípios fundamentais para o movimento modernista como “o direito permanente à pesquisa estética” e “a atualização da inteligência artística brasileira”. (ANDRADE, 2002, p. 266)

O autor do **Diário Crítico** discute em “O hermetismo e a poesia moderna” a comunicabilidade da moderna poesia, um debate indissociável das relações entre arte e sociedade, peculiar nas décadas de 1940 e de 1950. Se a “perda de comunicação entre o poeta e seu auditório” constituiria, por um lado, para o articulista, um fenômeno comum na história da literatura, por outro, indicaria um “desajustamento social, de uma fase de transição mais ou menos anárquica”. (MILLIET, 1948, p. 6) Em certos poetas, tal incomunicabilidade seria acompanhada por uma espécie de antevisão.

---

<sup>7</sup> Identificado pelo autor de **Formação da Literatura Brasileira** como “homem-ponte” (CANDIDO, 1981, p. II) entre a geração modernista e o primeiro grupo formado pela Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo, crítico de literatura e crítico de artes plásticas, Milliet foi um homem de “incrível versatilidade”. (CANDIDO, 1981, p. XV)

Conquanto, para Milliet, a arte devesse fazer diferença no mundo social<sup>8</sup>, suas convicções nunca o impediram de buscar “uma compreensão sem preconceitos”. (CANDIDO, 1981, XIX) Na reflexão em exame, é plenamente possível perceber tal abertura que define a crítica millietiana, pois ao mesmo tempo que o crítico descreve certa poesia, atual à época, como “estanque”, semelhante a “conchas estranhas, algas misteriosas e sem ligação com o mundo” vivido, tipo de arte que suprimia a comunicação, admite ser perturbado por ela, a despeito de não ser comovido “simplesmente” e “humanamente”. (MILLIET, 1948, p. 6)

Valendo-se do seu papel de mediador, o crítico explica que a automatização da sensibilidade e o incômodo em relação à surpresa produzida pelo novo resultariam em “dogmas estéticos” e conclui:

Em verdade a linguagem poética só nos alcança facilmente quando deixa de ser cifrada e se torna convencional. Cada vez que ela se renova, exige de nós uma série de abdições e decantações penosas. [...] Então o julgamento do poema faz-se terrivelmente complicado, a menos que o consideremos apenas do ponto-de-vista técnico. (MILLIET, 1948, p. 6)

Como se nota, Milliet pretende esclarecer o leitor de que há sempre algo de cifrado na linguagem do poeta, sobretudo quando há alguma transformação e, nesse sentido, recupera formulações modernistas relacionadas à necessidade de renovação estética. O leitor, desse modo, é aproximado da arte e dos desafios suscitados por ela (não restritos, como afirma no início do texto, à poesia moderna).

Apesar de sua disposição para discutir a obra de José Escobar Faria, Milliet não consegue esconder certo embaraço diante de uma produção de “valor encantatório”, “imagens originais”, “associações inesperadas de palavras” e, também, pouco aberta à comunicação com o leigo; incomoda-o, sobretudo, a ausência de “lógica da sentença”, a dissociação entre forma e conteúdo. Misturando indagação e meditação, compara a poesia de Faria a “certa poesia popular”, esta não teria o “menor sentido”, mas comoveria os ouvintes pelos “sons e ritmos”. “Não estará nela a poesia mais pura, a menos intencional, a que mais se aproxima do objeto mágico da arte que é sugerir, revelar e comover?” (MILLIET, 1948, p. 6), questiona-se Milliet.

---

<sup>8</sup> Ver capítulo intitulado “Milliet-Pedrosa: aproximações rumo à ação socializadora da arte”, de Francisco Alambert, publicado na coletânea **Sérgio Milliet – 100 anos: trajetória, crítica de arte e ação cultural**, organizada por Lisbeth Rebollo Gonçalves.

Nos termos do crítico, a poesia de Faria seria um exemplo de poesia hermética. “Bem diferentes pelo espírito e a técnica”, afirma Milliet,

são os poemas de Dante Milano [...]. Não creio, no entanto, que se evidenciem mais acessíveis, nem mesmo na série de sonetos rimados e metrificados da primeira parte, pois só na aparência são êsses versos semelhantes aos da poesia antiga. (MILLIET, 1948, p. 6)

Haveria, nesses termos, uma inacessibilidade nos versos milanianos, mesmo naqueles rimados e metrificados que teoricamente, para os parâmetros do leigo, seriam mais compreensíveis pela forma assumida. A dificuldade não estaria em pormenores, mas na “valorização das palavras, na recusa em aceitá-las no seu sentido vulgar, no ineditismo do mundo criado pelo poeta.” (MILLIET, 1948, p. 6) Estaria, enfim, na criação de obras esteticamente livres de “fórmulas” e contrárias ao academicismo, obras íntegras, desprovidas de segmentação entre forma e conteúdo. Observa Antonio Candido (1981, p. XXVI): “[...] O hermetismo lhe parecia [a Milliet] quem sabe uma certa obliteração do conteúdo, acompanhada às vezes de hipertrofia indevida da forma; daí a sua atitude de rejeição e mesmo censura, quando nele incorriam os jovens poetas. [...]”

Para Milliet, a obra de Dante Milano não resultaria de um deliberado hermetismo. O poeta, nas suas palavras, não menosprezaria “ser compreensível”. A inacessibilidade de sua poesia derivaria de uma espécie de descompasso entre a produção e a interpretação da poesia milanesa, de uma incompreensão por parte do “público leigo”, despreparado para uma poesia enriquecida formalmente e especialmente condensada. Retomando o argumento de que a perda de comunicação denunciaria “um desajustamento social”, Milliet identifica o poeta com o desajustado, o agonizante, o incompreensível numa época “de transição mais ou menos anárquica.”

Dessa maneira, Sérgio Milliet propõe que se pense a obra milanesa a partir de suas necessidades e singularidades, inseparáveis do tempo em que foi produzida e daquele “desajustamento social” próprio de um momento hostil ao poeta. Uma poesia pouco afeita às padronizações, mesmo “os sonetos rimados e metrificados” seriam, segundo a intervenção de Milliet, apenas na aparência “semelhantes dos [versos] da poesia antiga”, ou seja, a proposição do crítico é que se analise as qualidades estéticas dessa poesia em sua profundidade, problematizando as “aparências”. Por sua vez, ao meditar a respeito da incomunicabilidade da poesia de Dante Milano sugere por que foi e ainda é uma poesia pouco lida.

Lisbeth Rebollo Gonçalves qualificou Sérgio Milliet como uma “figura marcante nos quadros da história intelectual do século XX” (GONÇALVES, 2005, p. 11). O mesmo poderia se dizer de Sérgio Buarque de Holanda (1902-1982), autor de uma obra sólida e complexa, cujo interesse não escapa àqueles que se ocupam da História do Brasil e dos estudos acerca da sociedade brasileira de maneira mais ampla.

Do jovem intelectual dos anos 1920, “arreatado pelo espírito da modernidade nos domínios da arte, da literatura e da cultura”, inconformado à época com o andamento cultural brasileiro, empenhado em “romper com esse passado de celebração retórica, para aprofundar a pesquisa de outra linguagem, reveladora do homem e da natureza local, com foco no espírito de autonomia” (ARNONI PRADO, 2015, p. 202), ao Sérgio Buarque de Holanda “crítico militante dos anos 1940” (ARNONI PRADO, 2012, p. 80), autor do artigo “Mar enxuto”, publicado no jornal *Diário de Notícias*, em 06 de março de 1949, o percurso é dos mais movimentados e auspiciosos. De qualquer modo, dos anos 1940 em diante, Sérgio Buarque de Holanda produz sua crítica da maturidade.

Em **Dois letrados e o Brasil nação: a obra crítica de Oliveira Lima e Sérgio Buarque de Holanda**, Antonio Arnoni Prado sintetiza:

[...] Em Sérgio, a erudição literária entra como forma de conhecimento e análise, e [...] é mais integradora do que valorativa, o que dá ao processo de leitura uma descontinuidade igualmente criativa e aberta, impressionista e ao mesmo tempo rigorosa, literária e tão propositiva quanto a própria *inventio* que ilumina o cerne da criação literária.

[...] uma de suas maiores preocupações é a de encarar a produção literária brasileira com o empenho de confirmar que a literatura, como a arte de um modo geral, sendo “discriminação e seleção”, é a única instância capaz de discernir com precisão os valores humanos no quadro até então mal estudado de “inclusão e confusão” a que se resume a vida brasileira. Com o objetivo de compreender não apenas os critérios estritamente formais, mas toda a apreensão da realidade através dos elementos inefáveis que ela possa despertar, a nova fase da crítica de Sérgio dirige-se à análise dos nossos autores levando sobretudo em conta que [...] nem sempre os padrões ordinariamente aceitos se aplicam com a mesma eficiência hermenêutica. (ARNONI PRADO, 2015, p. 223 e 345)

O autor de **Raízes do Brasil** pretendia ainda “relativizar o quanto possível o embate entre a supremacia da arte – tão decantada pelos críticos do passado – e a dimensão concreta da vida material”, construindo uma crítica desprovida de “juízos categóricos e definitivos”. (ARNONI PRADO, 2015, p. 346 e 352)

Na transição entre as décadas de 1940 e de 1950, Sérgio Buarque de Holanda aproximou-se de maneira contundente da crítica de poesia e dedicou-se também às novas tendências críticas (especialmente ao *new criticism*), problematizando propostas e postulados. Opondo-se, por exemplo, “às pretensões das novas tendências de constituir a poética enquanto objeto autônomo” (GOMES JÚNIOR, 1998, p. 125), à “completa autonomização da criação e da reflexão estético-literária postulada pelo *new criticism*” (CAMILO, 2009, p. 115), às simplificações tendentes, Sérgio Buarque de Holanda:

[...] tenta mostrar que nem toda poesia faz uso de uma linguagem ambígua, e muitas vezes aquela que o faz, por meio de formas alegóricas, procura ocultar uma verdade cujo sentido é geralmente inequívoco; que a tendência do lirismo em criar uma linguagem própria desdenhando a comunicação é apenas uma tendência, e não o fundamento, do idioma lírico e muito menos de outras formas de expressão poética; [...]. (GOMES JÚNIOR, 1998, p. 125)

A participação no primeiro tempo do modernismo brasileiro, a maturação intelectual nos anos 1940, a versatilidade, a presença em seções de crítica literária na imprensa, a crítica militante, a tomada de uma posição crítica aberta e antiacadêmica, por essas e outras, Sérgio Milliet e Sérgio Buarque de Holanda, em que pesem suas singularidades, podem ser aproximados.

No que diz respeito a Dante Milano, as recepções podem ser aproximadas e comparadas. O oximoro que intitula o artigo de Sérgio Buarque de Holanda, constituído a partir da combinação entre vastidão e exiguidade, retoma – ao menos parcialmente – o argumento de Milliet a respeito da poesia condensada de Dante Milano. Na crítica millietiana, o desejo do autor de **Poesias** de ser compreensível é enfatizado; para Holanda, os poemas de Dante Milano seriam singulares não em razão de um desejo do poeta:

Nada, nos seus versos, se assemelha profundamente ao que foi escrito entre nós nestes vinte e trinta anos. E nada os aproxima das formas e das receitas cuja sobrevivência tornou a revolução modernista justificável. A singularidade desta obra não é, entretanto, fruto do afã de ser diferente a qualquer preço, mas descansa, por um lado, na fidelidade do autor a si mesmo, por outro na sua fidelidade a valores poéticos que, irredutíveis embora a fórmulas fixas, são contudo perenes. (HOLANDA, 1949, p. 6)

Na sua intervenção, Holanda estabelece uma tensão entre as “formas e receitas” modernistas e os valores poéticos adotados por Milano, nem reduzidos a formas fixas



nem tampouco passageiros. Para o autor do **Diário Crítico**, por outro lado, Dante Milano estaria “bem a cavaleiro” tanto da tendência hermética experienciada à época quanto da poesia aberta à comunicação que estaria morrendo naquele momento. Dante Milano – mas não apenas ele, como todo poeta moderno – seria um deslocado socialmente, um poeta moderno e não “antigo”. Sérgio Buarque de Holanda, por sua vez, insere Dante Milano na vanguarda brasileira, não sem deixar de estabelecer outra vez uma nova tensão: o poeta carioca “sempre se conservou à margem de inovações literárias que pouco lhe ofereciam de atraente a êle que bebera em fontes antigas e puras. [...] Em 1922, seria poeta formado e, se não me engano, já autor de algumas das peças que compõem o presente volume.” (HOLANDA, 1949, p. 6)

O comentário de Holanda, que antes negava no poeta o “afã” de ser diferente, agora assinala uma atitude consciente do poeta de se conservar “à margem de inovações literárias”, não de todas, mas daquelas que “pouco lhe ofereciam de atraente”. A afirmação solicita reflexão, em primeiro lugar, por apresentar um caráter não conclusivo, de possibilidade – “se não me engano”, “seria poeta formado”. Em segundo, o emprego da noção de margem, que é extremamente ambíguo, exige uma especificação em relação ao conjunto da obra de Holanda<sup>9</sup> e à peculiaridade do movimento modernista no Rio de Janeiro que seria, nos termos de Antonio Candido, mais “moderado”<sup>10</sup> se comparado ao de São Paulo. Por último, é inegável o valor atribuído, desde o jovem Sérgio Buarque de Holanda, à autonomia intelectual e artística conferida a Milano.

Pouco inclinado às soluções fáceis, avesso a “artifícios vocabulares”, o poeta se serviria apenas de expedientes adequados às exigências de sua obra. Por sua vez, como compreendi em **Crise e irresolução**:

Se, por um lado, o historiador surpreende pela percepção das “tonalidades” de **Poesias**, por outro, surpreende a sua capacidade de assinalar na obra de Dante Milano o potencial de síntese das experiências históricas. O mundo construído pelo poeta não seria o mundo recuperado “em sua aparição originária”.

Sérgio Buarque de Holanda explora, nesse ponto, a relativa autonomia que envolve a criação literária, compreendendo que o poeta carioca se serviria do “recolhimento íntimo” para livremente, sem ceder às

---

<sup>9</sup> Em estudo dedicado às **Poesias completas**, de Manuel Bandeira, em 1940, o crítico-historiador asseverou a respeito do autor de **Libertinagem**: “[...] a verdade é que ele não obedecia a nenhum programa definido e não se prendia a compromissos. Ninguém foi menos militante, ninguém menos antiacadêmico.” (HOLANDA, 1996a, p. 277)

<sup>10</sup> Referência ao texto “Entre Duas Cidades”, de Antonio Candido, publicado em **Atualidade de Sérgio Buarque de Holanda**.

imposições do mundo, criar o seu mundo, transformado em algo nefasto [...]. (KUKUL, 2015, p. 65)

A formulação mais importante de Sérgio Buarque de Holanda a respeito da poesia de Dante Milano é recorrentemente citada. Diz o crítico: “[...] [nesta poesia] a forma se associa estreitamente ao pensamento e há identidade plena entre o que ela é e o que ela diz. [...] Em outras palavras, seu pensamento é de fato sua forma.” (HOLANDA, 1996b, p. 99) A passagem afasta Dante Milano de certa poesia na qual se notaria a “hipertrofia da forma”, por exemplo. Nesse sentido o texto de Holanda volta a dialogar com o de Milliet.

Afora tais considerações, há outras formulações interessantes em “Mar enxuto” como aquelas referentes ao predomínio do denotativo na poesia milanesa e ao ritmo semântico. De qualquer modo, não seria precipitado dizer que o texto de Sérgio Buarque de Holanda é ele mesmo um “mar enxuto”.

Os dois artigos, como se percebeu, escritos logo após a publicação de **Poesias**, oferecem caminhos interpretativos interessantes para uma compreensão mais consistente da obra de Dante Milano, ainda desconhecida pelo público. A leitura de textos como os de Sérgio Milliet e de Sérgio Buarque de Holanda beneficia qualquer reflexão, pois estes sintetizam debates caros à época, desenvolvem uma crítica que associa preocupações formais à historicidade, problematizam a produção literária e o lugar da arte no mundo social. Evidentemente, tal leitura se enriquecerá ao se levar em conta tanto a historicidade da poesia quanto a dos discursos críticos.

## REFERÊNCIAS

ALAMBERT, Francisco. Milliet-Pedrosa: Aproximações Rumo à Ação Socializadora da Arte. In: GONÇALVES, Lisbeth Rebollo (org.). **Sérgio Milliet – 100 anos: trajetória, crítica e ação cultural**. São Paulo: ABCA: Imprensa Oficial do Estado, 2004. p. 139-148.

ANDRADE, Mário de. O Movimento Modernista. In: \_\_\_\_\_. **Aspectos da literatura brasileira**. 6. ed. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 2002. p. 253-280.

ARNONI PRADO, Antonio. **Dois letrados e o Brasil nação: a obra crítica de Oliveira Lima e Sérgio Buarque de Holanda**. São Paulo: Editora 34, 2015.

\_\_\_\_\_. Sérgio e Mário: um Diálogo entre Críticos. In: MARRAS, Stelio (org.). **Atualidade de Sérgio Buarque de Holanda**. São Paulo: EDUSP/IEB, 2012. p. 79-90.

AZEVEDO, Álvares de. **Poesias completas**. Edição crítica de Péricles Eugênio da Silva Ramos; organização de Iumna Maria Simon. Campinas, SP: Editora da UNICAMP; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2002.

- BANDEIRA, Manuel. **Apresentação da poesia brasileira**: seguida de uma antologia. Posfácio de Otto Maria Carpeaux. São Paulo: Cosac Naify, 2009.
- BRITO, Mário da Silva. **Poesia do Modernismo**. 2. ed. revista de Panorama da Poesia Brasileira: o Modernismo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.
- CAMILO, Vagner. O aerólito e o zelo dos neófitos: Sergio Buarque de Holanda, crítico de poesia. **Revista USP**, São Paulo, n. 80, p. 111-124, dez. 2008- fev. 2009.
- CANDIDO, Antonio. Entre Duas Cidades. In: MARRAS, Stelio (org.). **Atualidade de Sérgio Buarque de Holanda**. São Paulo: EDUSP/IEB, 2012. p. 13-17.
- CANDIDO, Antonio. Sérgio Milliet, o crítico (introdução). In: MILLIET, Sérgio. **Diário Crítico de Sérgio Milliet**. v. I. Introdução de Antonio Candido. 2. ed. São Paulo: Martins, 1981. p. XI-XXX.
- CASTELLO, José Aderaldo. **A literatura brasileira**: origens e unidade (1500-1960). v. II. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1999.
- CORREIO DA MANHÃ, Primeiro Caderno, Rio de Janeiro, 02/02/1957, ano LVI, n. 19.589, p. 11.
- ÊLES SÃO NOTÍCIA. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 12/06/1966, ano LXV, n. 22449, p. 3.
- FIGUEIREDO, Hugo de. Retrolâmpago do modernismo. *Correio da Manhã*, Segundo Caderno, Rio de Janeiro, 15/03/1952, ano LI, n. 18.092, p. 3.
- GOMES JÚNIOR, Guilherme Simões. **Palavra Peregrina**: o Barroco e o Pensamento sobre Artes e Letras no Brasil. São Paulo: EDUSP/FAPESP/EDUC, 1998.
- GONÇALVES, Lisbeth Rebollo. Sérgio Milliet: a Epistemologia do Discurso e a Práxis Crítica. In: \_\_\_\_\_ (org.). **Sérgio Milliet – 100 anos**: trajetória, crítica e ação cultural. São Paulo: ABCA: Imprensa Oficial do Estado, 2004. p. 75-86.
- GONÇALVES, Lisbeth Rebollo (org.). **Sérgio Milliet – 100 anos**: trajetória, crítica e ação cultural. São Paulo: ABCA: Imprensa Oficial do Estado, 2004.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. **O espírito e a letra**: estudos de crítica literária, 1920-1947 (v. 1). Organização, introdução e notas Antonio Arnoni Prado. São Paulo: Companhia das Letras, 1996a.
- \_\_\_\_\_. **O espírito e a letra**: estudos de crítica literária, 1947-1958 (v. 2). Organização, introdução e notas Antonio Arnoni Prado. São Paulo: Companhia das Letras, 1996b.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. Mar enxuto. *Diário de Notícias*, Quarta Seção, Rio de Janeiro, 06/03/1949, ano XIX, n. 8.086, p. 2.
- KUKUL, Vanessa Moro. **Crise e irresolução**: a poesia de Dante Milano. 2014. Tese (Doutorado em Letras – Teoria Literária e Literatura Comparada) – FFLCH, São Paulo, 2014.
- MACEDO, Silvia Quintanilha. A Poética de Sérgio Milliet: Esboço de um Estudo. In: GONÇALVES, Lisbeth Rebollo (org.). **Sérgio Milliet – 100 anos**: trajetória, crítica e ação cultural. São Paulo: ABCA: Imprensa Oficial do Estado, 2004. p. 101-123.
- MILLIET, Sérgio. O hermetismo e a poesia moderna. Suplemento Letras e Artes, *A Manhã*, Rio de Janeiro, 05/12/1948, ano III, n. 107, p. 6 e 13.

MILLIET, Sérgio. **Panorama da moderna poesia brasileira**. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde/Serviço de Documentação, 1952.

PAULA, Maria. Antologia de Poetas. *O jornal*, Terceira Seção, Rio de Janeiro, 12/04/1936, ano XVIII, n. 5.158, p. 1 e 2.

PENNAFORT, Onestaldo de. Um incidente por uma balada. *Correio da Manhã*, Primeiro Caderno, Rio de Janeiro, 02/02/1957, ano LVI, n. 19.589, p. 11.

SCHWARZ, Roberto. **Que horas são?**; ensaios. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

SÜSSEKIND, Flora. **Papéis colados**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2002.